

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO  
DITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 60  
AVEIRO—Um anno, 18200 réis. Semestre, 6000. Fóra de Aveiro, um anno 13700. Semestre 6350 réis. Brazil e Africa, anno 23500. Semestre, 11500 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, med ante contrato. Os ars. assignantes teem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 50 REIS

2.º ANNO

## A questão clerical

### A PROPOSITO DO CASO DAS TRINAS

Terminavamos o ultimo artigo dizendo que todos os dias se encontra a confirmação da regra jesuitica que impõe o repulio da familia como primeira condição para se ser admitido na Ordem.

Agora mesmo o caso Calmon o está confirmando. Mas nós não precisamos de sair de Aveiro, porque temos aqui coisa muito melhor.

A 19 de novembro de 1869 lia-se na *Revolução de Setembro*, e, pouco mais ou menos, o mesmo em todos os outros jornaes de Lisboa:

«O convento de Si, em Aveiro, saliram sem auctorisação nem prévio conhecimento de suas familias algumas formosas meninas, que foram desinquietadas não sabemos por quem, para se filiar no gremio das irmãs de caridade francezas. D'vém ter chegado a Lisboa hontem para d'aqui seguirem para França. D'uma sabemos que era senhora de pouco vulgar intelligencia mas o devotismo obseca as melhores cabeças, e a vellicaria jesuitica sabe explorar e alliciar os corações melior formados e as mais claras intelligencias. A superiora do convento de vém ter rigorosas contas as familias d'aquellas donzellas.»

No dia immediato o mesmo jornal publicava a carta, que se segue, de Antonio Augusto Coelho de Magalhães:

Sr. Redactor.

Pod'nos ao governo que não seja imprudente, e que, abrindo os olhos e lançando a vista bem ao longe, ponha em acção todos os seus meios para impedir e fazer frustrar essa cruzada diabólica que ali se levantou em todo o reino, e que escandalosa e arrojadamente trabalha, de certo com fins politicos, no infame plano de seduzir, por meio dos seus agentes, a mocidade experiente, e de se recrutar para a archiconfraria das irmãs da caridade em França, chegando ao desaforo de as arrancar á obediencia e respeito que devem a seus paes, induzindo-as primeiro nos principios da doutrina a mais subversiva e attentato rio d'esse respeito, e acabando por as fazer buscar as casas de educação não de seus paes as teem, e depois de inclausuradas provisoriamente nas suas espallhas e depositos, as fazerem transportar, dizem elles, para os estabelecimentos das irmãs de caridade em França.

Não fallamos assim, e pedimos providencias, porque somos uma das victimas de tão descurado desaforo, e victimas sem que nem sequer nos dessem tempo de bater á porta da auctoridade publica, e nem mesmo teriamos do saber a infame sedução que se acerta e negra traição que se poz por obra, se não tivessemos um amigo na provincia que por obsequio a benevolencia se lembrou de nos prevenir que a irmã levada recrutada das que marchou d'alli caminho de Lisboa, para d'aqui seguir para França, vinha uma filha que tinhamos

n'um recolhimento de educação n'essa terra da provincia!

Sr. Redactor, grite bem alto contra esta pouca vergonha, que se não tolera nem nos povos selvagens. Diga que em S. Patricio (escadilhas de S. Crispim), aonde nós fomos, por insinuação confidencial d'alguem, procurar uma filha que tinhamos na provincia, d'onde havia fugido por sedução e esforço d'alguem para assentar praça nas phalanges das irmãs de caridade, encontrámos, entrando de improviso e sem que fossemos esperados nem annunciados as taes futuras irmãs da caridade furtadas a seus paes, entre as quaes estava a nossa filha, já fardada, que ficou petrificada ao vê-los, e que nem sequer nos beijou a mão, nem deu qualquer outra demonstração por gesto ou palavra do respeito que naturalmente devem os filhos aos paes.

Eram capitaneadas por uma abelha mostra, que tinha sido nossa hospede em Lisboa por recomendação da nossa filha recrutada. Logo que nos avistaram t'con se uma sineta, e a esse toque appareceu-nos de repente o sr. padre B., (1) que era o commandante em chefe da devotissima expedição, e que, pelo desalinho e desbragamento em que nos appareceu, bem se via que estava ainda nos trages de quarto de cama. Cairam-nos as faces de vergonha quando se nos deparou aquelle espectaculo!

O nome de B. era para nós um nome de respeito e veneração, porque essa familia conta individualidades que a cobrem de todo o desaire que a irreflexão e o desacerto de algum dos seus membros possam acarretar-lhe. Esse nome foi a egide do sr. padre B.; e nós, então e agora, temos a consciencia do alto poder que elle teve sobre nós. Serviu de muito ao padre o nome da familia. Ficamos cegos para vêr aquelle, mudos para lhe falar com a severidade que iammos dispostos a usar. Desde logo nos conformámos com a amarga ideia de ficarmos sem filha, e ficamos sem ella mesmo sem fastigarmos o seu seductor, caricatamente disfarçado; e depois de cobrimos as faces com as mãos, deixámos a filha e o padre nos seus preparativos religiosos e dedicação á caridade, e viemos para casa mortos de desgosto pelo que tinhamos visto e não visto, e mais do que isso, pela descrença de que, tendo cincoenta e quatro annos, chegássemos a vêr corrigidos estes desgraçados do que é mais corrente nos paizes em que vivem homens illustrados e bem morigerados e em que os governos teem como primeiro cuidado e obrigação estabelecer e segurar os meios de tornar impossiveis escandalos e abusos como este.

Sr. Redactor: repetimos a recomendação; grite bem alto e não levante mão d'este importantissimo assumpto, que nós o acompanharemos quando e como podermos.

Esta carta, escripta em phrase desalinhada, era de um homem notavel por si e por sua familia: Antonio Augusto Coelho de Magalhães, advogado em Lisboa, irmão do grande tribuno José Estevão Coelho de Magalhães. Não se podia invocar contra elle a falta de auctoridade de seus hotdes; para *descargo de consciencia*: «os paes que se governem!»  
Emfim, e isto é o mais hor-

roroso e grave de tudo, a filha de Antonio Augusto Coelho de Magalhães repelliu seu pae, não o quiz reconhecer, gritou por socorro, ao vê-lo, o que confirma plenamente a regra jesuitica por nós já citada.

Com essa rapariga, e com as outras de Aveiro que a acompanharam, passaram-se coisas curiosissimas, que relatarmos no proximo numero. Mas não queremos encerrar o artigo de hoje sem outra curiosidade, que é esta, que se lê na *Revolução de Setembro* de 24 de novembro de 1869:

«O pae da menina que veio de Aveiro, recrutada pela agencia lazari-ista do padre B., e que ha dias expoz aqui circumstanciadamente o facto, tem estado gravemente doente, com repetidos ataques epilepticos em consequencia do terrivel desgosto por que acaba de passar.»

Tambem tem estado por igual motivo bastante enfermo em Aveiro, o pae de uma das obsceadas senhoras.

São ellas quasi todas de maior idade, e podem por isso seguir o destino que quizerem. Nem queremos de certo que se fira a liberdade. Lastimamos porém que aquellas senhoras se deixassem obsecar por um devotissimo absurdo que occulta muita vellicaria e muita torpeza, e que insulta as leis naturaes. Nem sempre, além d'isso, se angariam maiores. São creanças muitas vezes as victimas d'este lazarismo á outrance, que lhes atrophia as intelligencias quando não lhes pollue os corpos, e que mais preoccupado anda com mundanidades infames, do que com a conquista de mysticas benaventuranças.

Um periodico conta hoje: «De feito indo uma senhora á igreja de S. Luiz tomar informações a esse respeito, alli lhe disse um padre: «As raparigas não vão agora por causa da gritaria dos jornaes. Quem tem a culpa é um doido irmão d'outro doido e pedreiro livre que ali houve chamado José Estevão Coelho de Magalhães e que já morreu, felizmente. Sempre é mau a gente meter-se com parentes de pedreiros livres. Em maio foram umas poucas de raparigas e ninguém fez bulha. Agora é isto que se vê.»

«Ah, hypocritas, hypocritas, que chapieis aos outros pedreiros livres e fingis esquecer as vossas *capellas*, e *agencias*, e a vossa maçonaria jesuitica!»  
Um dia d'estes lançaremos os olhos para aquella famosa igreja de S. Luiz, aonde nós dizem que se fecham as portas a professoras em certos mysterios.

Temos catacumbas?»

Quem tem a culpa é um doido irmão d'outro doido e pedreiro livre que ali houve chamado José Estevão Coelho de Magalhães e que já morreu *felizmente!* Tal é a maneira porque o jesuitismo considera as maiores glorias d'este paiz.

Esta do José Estevão *doido* emparellha bem com a do Alexandre Herculano *azeteiro*.

Sempre o odio á liberdade, ao progresso, á civilisação, á luz. Maldictos!  
Emfim, e isto é o mais hor-

que se invocou agora contra a desgraçada Anna Soares e contra o namorado. Contudo, por essa carta fica provado que se o caso da Anna Soares não foi verdadeiro o fundo da questão fica o mesmo desde que se estabelece que repetidos e successivos casos identicos d'immoralidade, e estes incontestaveis, se teem dado nos recolhimentos religiosos. Fóra aquelles que nunca chegaram a ser do dominio publico!

Antonio Augusto Coelho de Magalhães encontrou sua filha junto d'um homem em trajes menores e *as faces cahiram-lhe de vergonha* pelo que viu e PELO QUE NÃO VIU.

São as palavras do proprio pae.

O que não viu não seria nada? Talvez. Mas desde que nos recolhimentos religiosos de mulheres dormem homens, como se demonstrou na questão das Trinas quando foi do envenenamento da pobre Sarah de Mattos, como se demonstrou agora no novo caso das Trinas, como a carta acima transcripta eloquentemente demonstra, Antonio Augusto Coelho de Magalhães podia suspeitar, e todo o mundo, que o que não viu fosse grave.

E' até mais natural suppôr o peor do que o melhor, sendo a carne fraca, como a propria Igreja apregoa!

Antonio Augusto Coelho de Magalhães encontrou no recolhimento de S. Patricio, em Lisboa, um homem em trajes menores, quando ia alli procurar sua filha. Mas no convento de Sá, em Aveiro, tambem os homens entravam livremente. Não só isso se deprehende dos factos occorridos, como o confessor então o *Campeão das Provincias*, periodico de Aveiro, aliás reaccionario.

Provado isso, outra coisa resulta da carta acima transcripta, coisa tambem já sabida e sempre repetida, e é que os santinhos entram em casa da gente com *pés de lã* para no fim nos deitarem á rua. A *abelha mestra*, que capitaneava as *irmãs* do recolhimento de S. Patricio, tinha sido hospede de Antonio Augusto. E com gratidão lhe pagava a hospedagem. Não ha duvida!

Depois, tambem da carta se vê que quem entregar as suas fillas aos recolhimentos religiosos pôde dormir descansado, certo de que as tem em boa guarda. Isto diz se ha seculos e é certissimo!

No convento de Sá estavam umas poucas de educandas. Um bello dia a superiora abriu-lhes a porta, dizendo apenas com os seus hotdes, para *descargo de consciencia*: «os paes que se governem!»

Emfim, e isto é o mais hor-

## UNS PANDEGOS

A ultima ordem do exercito declarou que a nenhum militar é permitido dar publicidade, pela imprensa, ao modo porque se desempenhou de qualquer serviço que lhe tenha sido commettido, nem responder a apreciações feitas nos jornaes acerca do seu procedimento no exercicio de funções militares de que haja sido encarregado.

Bonito. Mas quando for favorito ou protegido pelas altas regides pôde, não só desafiar para duello, contra as leis militares e civis, o seu legitimo superior, como publicar na imprensa cartas apreciando e censurando o procedimento d'esses superiores. Tudo em nome da disciplina!

## Curioso e sério

A *Folha do Povo* transcreve a nossa ultima noticia sobre o *syndicato da graxa* e parece-lhe o caso curioso.

Curioso e sério. Na ha, presentemente, negocio mais lucrativo, creiam. Essa benemerita graxa pôde hoje em Portugal mais do que tudo. E' o primeiro titulo de merito. E' ella que faz os ministros d'estado, os embaixadores, os conselheiros, os pares do reino, os deputados, os generaes, os funcionarios de todas as classes e categorias.

Uma caixinha de graxa no bolso, um parsinho de escovas debaixo do braço, um rosario ao pescoço e, com um bocadinho de habilidade e de geito na engraxadella e na reza, tem um homem a sua fortuna feita.

Procuram, que não encontram senão isto. E' o unico segredo da fortuna politica e burocratica n'este paiz. E porque o é, e porque o portuguez possui a faculdade de adaptação ao meio que não possui nenhum outro povo da terra, os engraxadores vão sendo mais que a praga.

Não é só no Oliveirinha, nem só com o sr. Mattoso. E' em toda a parte e com todos, desde o rei até ao ultimo vassallo.

Não viram agora os conselheiros mais salientes engraxar desaforadamente as botas d'el-rei no dia dos annos de sua magestade?

Ao rei D. Luiz ainda elles falavam grosso,—de longe, está claro,—porque o rei D. Luiz perdoava e os cães podiam ladrar sem correr o risco de ficar sem osso. Mas com o sr. D. Carlos o caso é outro. Com este ha perigo. E então valla a graxa.

Graxa, graxa e graxa. Engraxadores, engraxadores e engraxadores. Eis a unica industria nacional verdadeiramente prospera, a unica sem rival no

mundo, a unica que rende, a unica que promete, a unica com futuro, a unica que tem artistas de merito, artistas fazendo escola, artistas com genio, a unica que levantaria Portugal mais alto que a torre Eiffel, vencendo a concorrência do mundo, se temido á exposiçao de Paris.

A *Folha do Povo* que o tenha em conta para não mais se admirar de syndicatos.

O syndicato da graxa é indispensavel á gloria final d'este paiz.

## OS PALHAÇAS

Afinal diz-se que o governo não extingue em dictadura o concelho d'Espinho. Bem. Então é esperar. Por enquanto não ha que dizer a respeito da Palhaça.

Mas outro tanto não succede a respeito dos Palhaças, que estão tão caladinhos, tão caladinhos, que até parece que lhes deitaram mau olhado.

Querem ver que a Clara do Maio não é do partido dos Palhaças e enguiçou os homens?

Alli ha enguiço!

Um dizia: «A uma facada responde-se com outra facada».

Outro berrava: «Não tenham medo dos cavallos, que eu conheço-os e elles conhecem-me.»

Outro, o verdadeiro tribuno da revolução pallhaçeira, trovejava: «Fechar os estabelecimentos commerciaes não basta; é preciso fechar outro estabelecimento: aquelle d'alli! apontando, com o braço lizo de colera, para o governo civil.

Só lá faltou, dizia-nos hontem em voz de sentimento o Zé Manhanhas, o sr. Andrésinho!

Ora depois d'isso comprehendese o silencio dos Palhaças a não ser por enguiço?

Se o doutor Moço não desfaz, com agua benta, o encanto da bruxa, chora, patriotas, sobre a patria de Aveiro, que é patria para sempre perdida.

## OUTRA PENDENCIA DE HONRA!

Se o sr. França Borges não reconhecesse a pallhada do duello, contra o espirito democratico, que é opposto a todos os preconceitos; se o sr. França Borges não commettesse a incoherencia, sendo republicano, de aceitar uma tradiçao da fidalguia, como é essa do duello, tradiçao genuinamente aristocratica; se o sr. França Borges, publicista radical, não praticasse a incongruencia de collocar o *juizo de Deus* acima do *juizo dos homens*, ad-

mittindo o duello como recurso superior a um tribunal; se o sr. França Borges, publicista honesto, não admittisse o meio facil, que tem todos os torpes, de se lavarem de infumias—sem referencia directa agora a ninguem—e de tapar a bocca ao mundo por essa manobra do duello; se o sr. França Borges, publicista corajoso, levasse a sua coragem até ao ponto de não ter medo das convenções, — e olhe que este medo é a maior de todas as covardias como a sua ausencia é a maior de todas as coragens,— não teria o sr. França Borges de estar a dar ao publico satisfações super finas.

*Jogo de mão, jogo de villão.* Isto diziam os fidalgos, no tempo em que todos nós, os da nossa classe, eramos *villões*. Quem não é *fidalgão* não tem obrigação de se bater no *campo da honra*. Tem só obrigação de *aparecer*. E depois de *aparecer* os outros que cevem n'elle a sua colera como lhes aprouber e empregando o meio que quizerem. Se tem predilecção pela espada, que cevem a colera com a espada. Mas essa impostura das praxes, mas essa impostura do tribunal constituido por quatro adventicios para sancionar um assassinato, provavel, realisado muitas vezes em peiores condições do que um assassinato vulgar, como pôde succeder sempre que um dos combatentes sem conhecimento d'esgrima tenha de se haver com outro combatente mestre no jogo das armas, é tudo quanto ha de mais falso, de mais injusto, de mais repugnante.

Desde que um homem appareça, não ha convenção, nem subterfugio que o possa accusar de covardia.

Isto em relação a qualquer homem. Em relação ao publicista ha ainda para este o dever de pugnar pela liquidacão de todas as pendencias n'um tribunal, ou tribunal especial, ou tribunal comum, ou lhe chamem tribunal de honra ou lhe chamem o que quizerem. Só isto é logico. Só isto é sério. Só isto é justo.

Assim se procede na Inglaterra, na poderosa, forte e progressiva Inglaterra. Não cessaremos de pôr este exemplo deante dos olhos de todos. E nem por isso os inglezes são covardes. E nem por isso,—ao contrario,—a Inglaterra vale menos do que as outras nações.

Deixe-se de fidalguias, sr. França Borges. O sr. é um plebeu, o sr. é um republicano. O sr., como todos nós, é d'aquelles de quem os fidalgos diziam: *jogo de mão, jogo de villão.*

Seja coherente na democracia. Seja orgulhoso do seu plebeismo. Não queira ser fidalgo, principalmente em convenções absurdas e em tradições estupidas. Não admitta o principio de que o duello é bom porque os usos o consagram, por isso que todos os republicanos estão combatendo muitas outras tolices egualmente admittidas e consagradas. E verá como presta com isso um melhor serviço á sua causa e á sua propria pessoa.

Se o sr. regeitasse o duello, os fidalgos senhores que o desafiassem chamavam-lhe covarde, em nome das *leis da honra*. Como não o regeitou, os mesmos fidalgos senhores chamam-lhe indigno ainda em nome das *ditas*!

Com a differença que no primeiro caso o senhor mandava-os á fava. No segundo, tem que os aturar.

Nota final. Se isto de falar em *fava* é offensa, desculpem, que nós somos plebeus.

Já sabem que duello para cá não péga. Mas como tambem não queremos abusar do nosso plebeismo, pedimos desculpa.

Desculpem, senhores!

O Domingos foi matutar para casa e voltou.

— Mas então porque não posso eu, falando do André, dizer *um cabeça*, se é assim que diz o eminentissimo cardeal patriarcha, como affirma o nosso aristocratico amigo Rainha?

— Ha só um caso, retorquin o crítico grammatical, em que os usos da lingua o permitem; é se disser: *um cabeça d'alhos*.

Assim pôde ser. Fica dentro da elegancia e da verdade.

## TEM RAZÃO

Diz o Dia:

«Continuamos, pois, a instar com o governo para que faça retirar a expedição logo que chegue a Lourenço Marques, desembarcando apenas a força necessaria para vender o destacoamento que lá está. Fazer a demora não lhe diminui de modo algum as responsabilidades em que já incorreu, nem lhe encobre os desacertos praticados. E' evidente que a expedição foi tardia, e que se não houvesse sido resolvida tardiamente, teria sido inutil; agora, quer ella retire quer se demore, essa evidencia não será apagada. O seu estacionamento de braços cruzados, a empaludar-se na ociosidade, servirá apenas para estragar dinheiro e vidas. E, no estado lisonjeiro das relações do nosso governo com o da Gran-Bretanha, ha de parecer singular, aos inglezes e ao mundo, que Portugal guarneça militarmente os seus territorios vizinhos do Transvaal depois do Transvaal ter sido declarado colonia britannica, tendo os conservado desguarnecidos durante a guerra toda! A pregação passará por inopportuna, se escapar de ser julgada suspicaz e descozete.»

Tem razão.

Ter-nos a Inglaterra por des-

cortezes não, que o governo só faz o que ella manda.

Mas lá que a expedição não serve de nada, lá que foi tardia, lá que teria sido inutil, lá que é singular que Portugal guarneça militarmente os seus territorios vizinhos do Transvaal n'estas alturas, isso é verdade.

Tem razão.

## Ao Deus dará

E' como tudo corre n'esta sempre famosa cidade de Aveiro, onde não ha camara municipal, nem delegado de saude, nem commissario de policia, nem juiz de direito, nem governador civil.

A camara municipal, a pretexto de não haver dinheiro, conserva a cidade no estado mais miseravel que se pôde imaginar. A ruas sem calçada, a relva a crescer pelos largos mais centraes, como no Largo Municipal por exemplo, o jardim eternamente abandonado, uma fedorentina medonha na bocca de certos canos, fedorentina que n'alguns sitios se tiraria facilmente e com pouco dispendio. Enfim, o maior relaxamento. Não é só falta de dinheiro. E', antes de tudo, relaxamento, abandono.

O sr. commissario de policia não manda cumprir as posturas municipaes, jogando assim admiravelmente com o desleixo da camara municipal. Só na rua da nossa redacção moram nada menos de tres policiaes. Pois nenhum d'elles quer saber das infracções ás posturas da camara, praticadas todos os dias por varios moradores.

O sr. juiz de direito,—o nosso amigo,—completa perfeitamente a acção da camara e do sr. commissario, absolvendo os pouquissimos infractores ás posturas municipaes que a policia relaxa ao poder judicial.

O sr. sub-delegado de saude reforça a trindade, passando por todas as porcarias como gato por brasa. As vendedeiras da praça do peixe nem consentem que os compradores cheguem o nariz perto da mercadoria! Vejam em que estado esta está! E o sr. sub-delegado de saude sem cumprir o seu dever!

Emfim, o sr. governador civil fecha condignamente o quadro não usando das suas attribuições e da sua iniciativa para impedir a continuação d'estas graves irregularidades.

Pois nós é que não deixaremos de cumprir o nosso dever.

O nosso dever é protestar. O nosso dever é mesmo *gritar*, se fôr preciso gritar.

Era, pois, quasi meio dia quando De Bracy, em beneficio do qual a expedição fôra de principio planeada, se apresentou para prosequir nas suas pretensões á mão e aos bens de *lady Rowena*.

Mas De Bracy não passara todo esse tempo no conselho tido com os seus confederados; ainda tivera ensejo de se ataviar com toda a garridice dos elegantes d'essa epoca. Tinha despedido a casaca verde e posto a mascara de parte. A sua comprida e abundante cabelleira cahia-lhe em graciosas tranças sobre um manto forrado ricamente; tinha a cara cuidadosamente barbeada; o gibão descia-lhe até ao meio das pernas, e o cinturão, que o cingia e sustentava uma grande espada, era guarnecido de bordados e labores de ouro. Já fallamos das botas extravagantes que

Pois protestaremos. Pois *gritaremos*.

Ao menos *gritando* tiraremos a vingança de atordoar os ouvidos aos auctores de tantos desleixos.

Em Aveiro não ha *rei nem roque*. E' um desaforo pegado. Basta dizer-se que sendo tantos os bicycletistas como os mosquitos—as duas maiores pragas de Aveiro—raras são as bicycletas que apparecem com luz nas ruas, de noite.

Se a gente vai para a rua, não ouve a gente senão *catalim, catalim*, ou *catalá, catalá* atraz de nós. Anda um homem sempre encostado ás paredes—não por causa do Joãozinho, que aliás tambem usa *catalá*,—mas por causa das bicycletas, ou de todos os *catalas e catalins reunidos*.

Se um homem entra em casa, cahem-nos em cima os mosquitos que nos deixam exangue.

De maneira que só se arriscam a viver em Aveiro os desgraçados que não tenham o recurso de fugir.

Por gosto, só quem fôr tolo, apesar das admiraveis bellezas d'estes sitios.

## EÇA DE QUEIROZ

### AS SUAS OBRAS

(Do Crime do Padre Amaro)

O conego Dias e Amaro facilmente conseguiram que a S. Joanneira e Amelia corresse com o pobre João Eduardo, a quem a namorada escreveu uma carta despedindo-o. Este, que sinceramente amava a beata, ficou afflictissimo e foi, entre outros, procurar o medico da casa, o medico Gouvêa, para implorar d'este que conseguisse que a Amelia largasse o padre e voltasse para elle.

O dialogo entre os dois é uma verdadeira obra prima e mostra bem as opiniões philosophicas de Eça de Queiroz, radicaes em religião como se vai ver.

Por aqui verão mais uma vez os leitores se o grande romancista era o *ironico* inoffensivo que o sr. Luiz de Magalhães e outros pretendem ver.

— Olá! és tu rapaz! Ha novidade na rua da Misericordia?

— Não senhor, senhor doutor, queria-lhe falar em particular.

Seguiu-o ao gabinete—o conhecido gabinete do doutor Gouvêa, que com o seu cahos de livros, o seu tom poierento, uma panoplia de flechas selvagens e duas cegonhas empalha-

estavam em moda n'esse tempo: as de Mauricio de Bracy tinham as pontas reviradas como os chifres d'um carneiro e podiam rivalisar em extravagancia com as mais tafues. Tal era o traje de um elegante n'aquella epoca; e em De Bracy tinha a auxilial-o a bella figura e as bonitas maneiras que o revestiam com a graça de um cozto e a franqueza de um soldado.

De Bracy saudou Rowena tirando o seu bonnet de velludo, ornado de um broche d'oiro representando S. Miguel com os pés sobre o demonio; ao mesmo tempo convidou-a com um gesto gracioso a sentar-se; e como ella continuasse na mesma attitud, o cavalleiro descalçou a luva da mão direita e fez menção de a conduzir a um assento. Mas Rowena recusou com um gesto esse cumprimento e replicou:

(59) **FOLHETIM**  
**IVANHOÉ**  
ROMANCE POR WALTER SCOTT  
CAPITULO XXII

Não querendo ser encontrado n'aquella occupação infernal, o barão normando fez signal aos escravos para substituirem o manto a Isaac, e sahindo da enxovia com os dois servos, deixou o judeu agradecer a Deus por se ver livre d'elles, ou lamentando-se pelo captivo e destino provavel de sua filha, conforme n'elle predominava o amor proprio ou o amor paternal.

XXIII  
Pois bem! se com doces palavras não consigo despertar-vos disposições benevolas para commigo, cortejar-vos-hei á moda dos soldados; e contrariamente á natureza do amor, sereis minha á força.  
Os dois gentishomens de Verona.

O aposento em que *lady Rowena* fôra introduzida estava ornamentado com uma certa magnificencia rude, e o terem-lh'o dado para residencia podia considerar-se como prova peculiar de respeito, não concedia aos outros prisioneiros. Mas a esposa de Testa-de-Boi, para quem elle fôra arranjado primitivamente, morrera havia muitos annos, e o tempo e o abandono haviam deteriorado os poucos ornatos com que ella o havia embelle-

zado. A tapeçaria que revestia as paredes pendia em bocados por diferentes pontos e n'outros estava desbotada pelo sol ou esfarrapada e estragada pela idade. Desmantelado como estava, era no entanto de todos os aposentos do castello o que fôra julgado mais proprio para accommodar a herdeira saxonia; e lá a deixaram meditar sobre o seu destino, até que os actores d'este drama nefando combinassem os papeis que cada um d'elles devia representar. Essa distribuiçao foi estabelecida n'um conselho em que tomaram parte Testa-de-Boi, De Bracy e o templario, e no qual, depois de um longo e vivo debate sobre as vantagens que cada um pretendia pela sua parte n'aquella audaciosa empreza, resolveram finalmente a sorte dos seus infelizes prisioneiros.

das, tinha na cidade a reputação de uma «cella d'alchimista.»

O doutor puxou o seu *cebolão*.  
— Um quarto para as duas. Se breve.

A face do escrevente exprimiu o embaraço de condensar uma narração tão complicada.

— Está bom, disse o doutor, explica-te como puderes. Não ha nada mais difficil que ser claro e breve; é necessario ter genio. Que é?

João Eduardo então tartamudeou a sua historia, insistindo sobretudo na perfidia do padre, exaggerando a innocencia de Amelia.

O doutor escutava-o, cobiando a barba.

— Vejo o que é. Tu e o padre, disse elle, quereis ambos a rapariga. Co no elle é o mais esperto e o mais decidido, apanhou-a elle. E' lei natural: o mais forte despoja, elimina o mais fraco; a femea e a presa pertencem-lhe.

Aquillo pareceu a João Eduardo um gracejo. Disse com a voz perturbada:

— Vossa excellencia está a caçoar, senhor doutor, mas a mim retalha-se-me o coração!

— Homem, acndiu o doutor com bondade, estou a philosophar, não estou a caçoar... Mas enfim, que queres tu que eu te faça?

Era o que o doutor Godinho lhe tinha dito, tambem, com mais pompa!

— Eu tenho a certeza que se vossa excellencia lhe fallasse...

O doutor sorriu:

— Eu posso receitar á rapariga este ou aquelle *warope*, mas não lhe posso impôr este ou aquelle *homem*! Queres que lhe vá dizer: «A menina ha de preferir aqui o sr. João Eduardo?» Queres que vá dizer ao padre, um maganão que eu nunca vi: «O senhor faz favor de não seduzir esta menina?»

— Mas calunniaram-me, senhor doutor, apresentaram-me como um homem de maus costumes, um patife...

— Não, não te calunniaram. Sob o ponto de vista do padre e d'aquellas senhoras que jogam á noite o quino na rua da Misericórdia tu és um patife: um christão que nos periodicos vituperas abbades, conegos, curas, personagens tão importantes para se communicar com Deus e para se salvar a alma, é um patife. Não te calunniaram, amigo!

— Mas, senhor doutor...

— Escuta. E a rapariga, descartando se de ti em obediencia ás instrucções do senhor padre fulano ou sicrano, comporta-se como uma boa catholica. E' o que te digo. Toda a vida do bom catholico, os seus pensamentos, as suas idéas, os seus sentimentos, as suas palavras, o emprego dos seus dias e das suas noites, as suas relações de familia e de vizinhança, os pratos do seu jantar, o seu vestuario e os seus divertimentos—tudo isto é regulado pela autoridade ecclesiastica (abbade, bispo ou conego), approvado ou censurado pelo confessor, aconselhado e ordenado pelo *director da consciencia*. O bom catholico, como a tua pequena, não se pertence; não tem razão, nem vontade, nem arbitrio, nem sentir proprio; o seu cura pensa, quer, determina, sente por ella. O seu unico trabalho n'este mundo, que é ao mesmo tempo o seu unico direito e o seu unico dever, é acceitar esta direcção; acceita-la sem

— *Sir* cavalleiro, se estou em presença do meu carcereiro—e as circumstancias não me permitem crêr outra coisa—é mais conveniente que a prisioneira se conserve de pé emquanto não souber a sua sorte.

Ai! bella *Bewena*, respondeu de Bracy, vós estaes em presença do vosso captivo, não do vosso carcereiro; e é dos vossos formosos olhos que De Bracy deve receber a sentença que vós esperaes d'elle.

— Eu não vos conheço, *sir*, disse ella elevando a cabeça com toda a altivez de uma mulher offendida na sua jerarchia e na sua belleza. Não vos conheço, e a insolente familiaridade com que me fallaes em estylo de *troubadour* não serve de desculpa á prepotencia de um salteador.

— E' a ti mesma, formosa don-

a discutir; obedecer-lhe, dê por onde dêr; se ella contraria as suas idéas, deve pensar que as suas idéas são falsas; se ella fere as suas affeições, deve pensar que as suas affeições são culpadas. Dado isto, se o padre disse á pequena que não devia nem casar, nem sequer fallar contigo, a creatura prova, obedecendo lhe, que é uma boa catholica, uma devota consequente, e que segue na vida, logicamente, a regra moral que escolheu. Aqui está, e desculpa o sermão

João Eduardo ouvia com respeito, com espanto estas phrases, a que a face placida, a bella barba grisalha do doutor davam uma auctoridade maior. Parecia-lhe agora quasi impossivel recuperar Amelia, se ella pertencia assim tão absolutamente, alma e sentidos, ao padre que a confessava. Mas enfim, porque era elle considerado um marido prejudicial?

— Eu comprehendia, disse, se fosse um homem de maus costumes, senhor doutor. Mas eu porto-me bem; eu não faço senão trabalhar; eu não frequento tabernas nem troças; eu não bebo, eu não jôgo; as minhas noites passo as na rua da Misericórdia, ou em casa a fazer serão para o cartorio...

— Mea rapaz, tu podes ter socialmente todas as virtudes; mas, segundo a religião de nossos paes, todas as virtudes que não são catholicas são inuteis e perniciosas. Ser trabalhador, casto, honrado, justo, verdadeiro, são grandes virtudes; mas para os padres e para a Igreja não contam. Se tu fôres um modelo de bondade mas não fôres á missa, não jejuares, não te confessares, não te desbarretares para o senhor cura—és simplesmente um maroto. Outros personagens maiores que tu, cuja alma foi perfeita e cuja regra de vida foi impecavel, tem sido julgados verdadeiros canalhas porque não foram baptisados antes de ter sido perfeitos. Has de ter ouvido fallar de Socrates, d'um outro chamado Platão, de Cato, etc... Foram sujeitos famosos pelas suas virtudes. Pois um certo Bossuet, que é o grande chavão da doutrina, disse que das virtudes d'esses homens estava cheio o inferno... Isto prova que a moral catholica é diferente da moral natural e da moral social... Mas são coisas que tu comprehendes mal...

Queres tu um exemplo? Eu sou, segundo a doutrina catholica, um dos grandes desavergonhados que passeiam as ruas da cidade; e o meu visinho Peixoto, que matou a mulher com pancadas e que vae dando cabo pelo mesmo processo de uma filhita de dez annos, é entre o clero um homem excellentemente porque cumpre os seus deveres de devoto e toca figle nas missas cantadas. Emfim, amigo, estas coisas são assim. E parece que são boas, porque ha milhares de pessoas respeitaveis que as consideram boas, o Estado mantem-as, gasta até um dinheirão para as manter, obriga nos mesmo a respeitá-las—e eu, que estou aqui a fallar, pago todos os annos um quartinho para que ellas continuem a ser assim. Tu naturalmente pagas menos.

— Pago sete vintens, senhor doutor.

— Mas enfim vae ás festas, ouves musica, sermão, destorras-te dos teus sete vintens. Eu, o meu quartinho perco-o; consolo-me apenas com a idéa de que vae ajudar a manter o esplendor da Igreja—da Igreja que

zella, respondeu De Bracy no mesmo tom, é aos teus encantos que deve ser attribuido tudo que eu fiz contra o respeito devido áquella a quem escolhi para rainha do meu coração e estrella dos meus olhos.

— Repito-vos, *sir* cavalleiro, que não vos conheço a que um homem que usa cadeia e esporas não deve apresentar-se perante uma senhora desprotegida que o não auctorizou a isso.

— Que eu vos seja desconhecido, disse De Bracy, essa é que é a minha desgraça; deixae-me esperar no entanto que o nome de De Bracy não vos seja inteiramente extranho e vos tenha chegado aos ouvidos quando os menestres e os arautos celebravam as proezas da cavallaria, assim nos torneios como nos campos de batalha.

— Deixa então aos menestres

em vida me considera um bandido, e que para depois de morto me tem preparado um inferno de primeira classe. Emfim, parece-me que temos cavaqueado bastante... Que queres mais?

João Eduardo estava acabrunhado. Agora que escutava o doutor, parecia-lhe, mais que nunca, que se um homem de palavras tão sábias, de tantas idéas, se interessasse por elle, toda a intriga seria facilmente desfeita e a sua felicidade, o seu logar na rua da Misericórdia recobrados para sempre.

— Então vossa excellencia não pôde fazer nada por mim? disse muito desconsolado.

— Eu posso talvez curar-te d'outra pneumonia. Tens outra pneumonia a curar? Não? Então...

João Eduardo suspirou:

— Sou uma victima, senhor doutor!

— Fazes mal. Não deve haver victimas, quando não seja senão para impedir que haja tyrannos—disse o doutor, pondo o seu largo chapéo desabado.

— Porque no fim de tudo, exclamou ainda João Eduardo que se prendia ao doutor com uma sofreguidão d'afogado, no fim de tudo o que o patife do parochio quer, com todos os seus pretextos, é a rapariga! Se ella fosse um camafeu, bem se importava o maroto que eu fosse um impio ou não! O que elle quer é a rapariga!

O doutor encolheu os hombros.

— E' natural, coitado—disse, já com a mão no fecho da porta. Que queres tu? Elle tem para as mulheres, como homem, paixões e orgãos; como confessor, a importancia de um Deus. E' evidente que ha de utilizar essa importancia para satisfazer essas paixões; e que ha de cobrir essa satisfação natural com as apparencias e com os pretextos do serviço divino... E' natural.

João Eduardo então, vendo-o abrir a porta, desvanecer-se a esperança que o trouxera alli, disse, furioso, vergastando o ar com o chapéo:

— Canalha de padre! Foi raça que sempre detestei! Queria-a vêr varrida da face da terra, senhor doutor!

— Isso é outra tolice, disse o doutor, resignando-se a escutal-o ainda, e parando á porta do quarto. Ouve lá. Tu crês em Deus? No Deus do céu, no Deus que lá está no alto do céu, e que é lá de cima o principio de toda a justiça e de toda a verdade?

João Eduardo, surpreendido, disse:

— Eu creio, sim senhor.  
— E no peccado original?  
— Tambem...  
— Na vida futura, na redempção, etc?

— Fui educado n'essas crencas...

— Então para que queres varrer os padres da face da terra? Deves pelo contrario ainda achar que são poucos. E's um liberal racionalista nos limites da Carta, ao que vejo... Mas se crês no Deus do céu, que nos dirige lá de cima, e no peccado original, e na vida futura, precisas de uma classe de sacerdotes que te expliquem a doutrina e a moral revelada de Deus, que te ajudem a purificar da macula original e te preparem o teu logar no paraíso! Tu necessitas dos padres. E parece-me mesmo uma terrivel falta de logica que os desacredites pela imprensa...

João Eduardo attonito, balbuciou:

— Mas vossa excellencia, senhor doutor... Desculpe-me vossa excellencia, mas...

— Dize, homem. Eu quê?

— Vossa excellencia não precisa dos padres n'este mundo...

— Nem no outro. (1) Eu não preciso dos padres no mundo, porque não preciso do Deus do céu (2) Isto quer dizer, meu rapaz, que tenho o meu Deus dentro em mim, isto é, o principio que dirige as minhas acções e os meus juizos. Vulgo Consciencia... Talvez não comprehendas bem... O facto é que estou aqui a expôr doutrinas subversivas... E realmente são treshoras... E mostrou-lhe o *cebolão*.

A' porta do pateo, João Eduardo disse-lhe ainda:

(1) E' deste homem se nos veio dizer apressadamente que recebeu antes do morte os sacramentos da Igreja...

(2) Apenas la o sr. Luiz de Magalhães este piao á minha!

— Vossa excellencia então desculpe, senhor doutor...

— Não ha de quê... Manda a rua da Misericórdia no diabo!

João Eduardo interrompeu com calor:

— Isso é bom de dizer, senhor doutor, mas quando a paixão está a roer cá por dentro!

— Ah! fez o doutor, é uma bella e grande coisa a paixão! O amor é uma das grandes forças da civilização. Bem dirigida levanta um mundo e bastava para nos fazer a revolução moral... —E mudando de tom:—Mas escuta. Olha que isso ás vezes não é paixão, não está no coração... O coração é ordinariamente um termo de que nos servimos, por decencia, para designar outro orgão. (3) E' precisamente esse orgão o unico que está interessado, a maior parte das vezes, em questões de sentimento. E n'esses casos o desgosto não dura. Adeus, estimado que seja isso!

(Continúa.)

(3) Sempre o inoffensivo ironico do sr. Luiz de Magalhães.

### Gloriosa patria

As *Novidades* andam de lagrima patriótica ao canto do olho com as homenagens prestadas pela Inglaterra a Portugal.

Gloriosa patria, que resurges emfim!

O marquez de Pombal teve um trabalho para levar a Inglaterra a dar-nos satisfações. Agora Beirões, Arroyos, Hintzes, Lucianos e Soveraes conseguem muito mais com muito menos trabalho e esforço.

Uma parada! Telegrammas de Roberts! Continencias á bandeira portugueza!

Aquillo é que é. E nós todos a dizermos que o marquez de Pombal era um grande estadista, um grande homem!

Cesse tudo que a antiga musa canta  
Que outro valor mais alto se levanta.

O peor é o preço.  
E a Inglaterra é careira.

### REUNIÃO DE PADEIROS

Parece que os padeiros de Lisboa preparam uma reunião magna para defesa dos seus interesses.

Na verdade, todos os governos teem mangado com os padeiros de Lisboa, que teem sido o bode expiatorio das *combinações eleitoraes*, com a circumstancia de ainda acarretarem com o odio do publico.

Emquanto todos os outros negociantes de Lisboa teem estado á vontade, fazendo o que querem, os padeiros teem estado debaixo d'um jugo de ferro.

Esta é a verdade.

As *Novidades* dizem que Kruger nunca foi amigo dos portuguezes. Pois ninguem dá mais razão ao Kruger do que as proprias *Novidades*.

A monarchia tem tido nas *Novidades* um mau representante. Podia-se permittir ás *Novidades* que defendessem a Inglaterra, embora perguntando-lhe quando é que ellas tinham razão, se quando injuriaram a nossa *fiel allia-da*, se hoje que se arrastam servilmente deante d'ella. Podia-se permittir ás *Novidades* que defendessem a alliança ingleza, embora perguntando-lhe quando fallavam sinceramente, se quando applaudiam os que condemnavam a alliança ingleza se hoje que a

exaltam com baixezas. O que não lhe permite o decoro é que esteja chamando ladrão ao Kruger e dirigindo diariamente insinuações aos vencidos.

*Novidades*, orgão da corte, tratou sempre com mais desdem os boers do que os proprios inglezes.

*Novidades*, orgão da corte, encheu de insinuações os boers quando a propria Inglaterra prestava homenagem ao seu heroismo.

### ALVARO DE MORAES FERREIRA

#### MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde.  
Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 42 a 44

### Comicio anti-jesuitico

Foi muito concorrido o que se realizou domingo passado no Porto.

Ainda bem.

### FALLECIMENTOS

Falleceu em Villa Verde o sr. Francisco Feyo Soares d'Azavedo, irmão do digno secretario geral do governo civil de Aveiro.

Sentimos.

Tambem falleceu em Aveiro um filho do nosso amigo Joaquim Rodrigues de Faria, a quem enviamos sentidos pezames, acompanhando-o na mágua que o punge.

Tambem falleceu em Lisboa a esposa do sr. João Pereira da Gama, importante industrial de padaria n'aquella cidade.

### Jayme Duarte Silva

#### ADVOGADO

R. DO SOL—AVEIRO

### “O NORTE”

Em Aveiro vende-se no kiosque Central.

### POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

### ANNUNCIOS

### Azeite do Douro

NINGUEM compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barcas; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos.

Desconto aos revendedores.

### ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vacuno, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

# AO COMMERCIO E AO PUBLICO

**ALVARO PINTO DE MIRANDA**, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—desta cidade, fez publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lishoa, tem para vender em boas condições para o commercio café em diversas marcas, café torrado em grão e molido, açúcar e empacotado, por preços muito baixos, rivalizando a vantagem com as casas concorrentes do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vende-se ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de lã de Saçavem que vende com 15 p. c. e de lã de Saçavem da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, e de espumante o bello *Champagne*.

Tem tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços razoaveis, fizeo grandes descontos para vender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

**Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para exportar em caso de freguez.**

Tem mercancia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, e sulfato de zinco (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 3) kg.) bolacha e biscoto das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escritorio, agricultural de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

**AVEIRO**

**FERRAGENS**, zinco, chapas zincaes, chumbo em barra e em pasta, estanho, pregos, para fusos, pás de ferro, arame zincaes, tintas preparadas e em pó vernizes, óleo, aguarras, alcool, brochas, pincéis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chlorato, enxofre, gesso de estuque, vitraço, bolha de vidro, chaminés e torcillas para canleiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES  
**AVEIRO**

**NOVA ALQUILARIA**

**MAUEL PICADO & PEREIRA**

(Antiga casa de Fernando Christo)

Nesta casa continua a haver carros de alugor, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Rua da Alfandega—**AVEIRO**

## MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia **SINGER** obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, **Grand-Prix**.

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas taem alcançando em todas as exposições.

**AVEIRO**

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—73

### GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

## Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro. Cada fasc. de 48 pag., papel de luxo, magnificamente impresso em tipo elzevir e com uma formosissima estampa a 12 côres—120 réis.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam aflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, exaltam-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções de maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

*Preçoso brinde a todos os senhores assignantes:* Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44 a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE  
**Manuel Rodrigues da Graça**

R. DA ALFANDEGA

NESTE estabelecimento encontram-se vinhos finos desde 240 réis para cima, azeite de terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

### ATELIER DE ALFAETERIA

DE

**Joaquim Ferreira Martins**  
(O GAFANHAO)

R. da Costeira—**AVEIRO**

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e harateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para venda.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fizesdas, o que ha de mais moderno, para a estação de inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos xarinos já tem para isso as fazendas encomendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

### Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de **José Gonçalves Gamellas**

Praça do Peixe—**AVEIRO**

Previne o publico que só affança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

### ARMAZENS

DA

# BEIRA-MAR

DE

**MANUEL GONÇALVES MOREIRA**

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

**AVEIRO**

D'aqui levarás tudo tão sobejo  
(Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

## CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escritorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, linho e vinho (qualidade garantida). Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lishoa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

**N. B.**—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

## FABRICA A VAPOR

DE

**MOAGEM DE TRIGO E MILHO**

DE

**Manuel Homem de C. Christo**

Vendas de farinhas, e sêmeas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

**AVEIRO**

### OFFICINA DE CALÇADO

DE

**João Pedro Ferreira**  
AOS BALCÕES—**AVEIRO**

—\*—  
NESTA antiga e acreditada

**José Gonçalves Gamellas**

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

**SAPATARIA AVEIRENSE**

**Marques d'Almeida & Irmão**

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos